

Euzenir Nunes Sarno
Memorial de Trajetória Acadêmica e Profissional

Rio de Janeiro,
2018

SUMÁRIO

Apresento a minha reflexão sobre os fatos mais relevantes da minha vida acadêmica, minhas vivências e experiências incluindo as passagens mais marcantes da minha vida profissional e trajetória intelectual, relacionando-a com as problemáticas sociais e com os desafios do ensino-aprendizagem, e a educação como prática transformadora da vida social, suas potencialidades e limites.

IDENTIFICAÇÃO

- **Nome completo:** Euzenir Nunes Sarno
- **Filiação:** Eurides da Silva Nunes
- **Data e local de nascimento:** 22 de Janeiro, 1938, Salvador, Bahia.
- **Profissão:** Médica CRM. 52-12039-4
- **Pesquisadora 1-A do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq)** em regime de dedicação em turno parcial à docência e à pesquisa.
- **Instituição:** Instituto Oswaldo Cruz, Fiocruz.
- **Endereço completo:** Rua Arnaldo Quintela 10, C-02, Botafogo, Rio de Janeiro, RJ.
- **Telefone:** 999744139
- **E-mail.** euzenir@fiocruz.br
- **Sociedades científicas ou profissionais:**
 - Sociedade Brasileira de Patologia,
 - Sociedade Brasileira de Hansenologia
 - International Leprosy Association (ILA)
 - Sociedade Brasileira de Imunologia

A vida de uma pessoa é feita de erros, acertos e porque não, acasos, por isso, para este meu primeiro memorial, que me foi solicitado para a obtenção de um título honorífico que muito me honraria receber, senti a liberdade de descrever somente os fatos e as personagens que marcaram a direção da minha trajetória.

Filha de Eurides da Silva Nunes, a mais guerreira das mulheres que eu conheci nos meus curtos oitenta anos, que prolongou sua vida por 101 anos permitindo-me tempo para amá-la por longos anos. Cursei todos os anos pré-universitários em colégios públicos de Salvador, Bahia e me formei em Medicina na Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública em 1963. Ali me marcou a ênfase em Saúde Pública e aprendi sobre os determinantes da saúde e as políticas de atenção aos doentes, participando em atividades de ação social e política em bairros populares. Durante estes anos de trabalho voluntário conheci aquele que, como marido e companheiro, me inspirou com o seu amor pelo cinema e me acompanhou por parte da minha vida.

Eu tive que interromper a residência em Anatomia Patológica no Hospital das Clínicas na Universidade Federal da Bahia (UFBA) pelo golpe militar de 1964, encontrei no meu supervisor e companheiro Dr. Zilton Andrade, o auxílio e apoio naquele momento, assim como em muitos outros no futuro. Emigrei para São Paulo ajudada por vários companheiros comprometidos. Assim consegui posição de estagiária no Hospital de Servidores Públicos do Estado de São Paulo, onde durante 3 anos aprendi as bases fundamentais da ética, competência e aperfeiçoamento da profissão de patologista sob a orientação do Prof. Matosinho França. Já mãe da minha única querida filha, fui contratada para a posição de servidora daquele hospital e conquistei o título de especialista em Patologia da Sociedade Brasileira de Patologia (SBP), a qual me homenageou em cerimônia na cidade de São Paulo após 50 anos de exercício da profissão.

O meu interesse pela vida acadêmica e pesquisa me levou até a Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), onde, graças ao amigo e companheiro, o eminente patologista Francisco Duarte, obtive posição temporária na Faculdade de Ciências Médicas (FCM) em 1967. Somente em 1973 fui oficialmente contratada por aquela instituição. Durante aquele período fui honrada por fazer parte do grupo do Professor Piquet Carneiro, guardião da integridade moral e ideológica contra o autoritarismo instalado no país. Nesta casa participava como espectadora das discussões de um grupo seletivo de sanitaristas, entre os quais Hésio Cordeiro, Reinaldo Guimarães, Nina Pereira Nunes, Moisés Sklo, Emílio Antônio Francischeti, sobre um projeto de saúde

pública para o país que viria a contribuir no embrião do nosso atual Sistema Único de Saúde (SUS).

Além das atividades na Saúde Pública, o Prof. Piquet Carneiro abria espaços para o desenvolvimento das áreas básicas tais como a imunologia e biologia experimental. Criou reuniões para estimular graduandos em debates teóricos, entre os quais Paulo Gadelha (ex-presidente da Fiocruz).

Iniciando minha trajetória já como professora de patologia em 1973, junto com estes e outros alunos criamos o primeiro curso de monitoria voluntária da UERJ utilizando técnicas de atividade em grupo sob o conceito de que o aluno é o objeto, o promotor e o melhor avaliador do seu aprendizado. Este curso mudou o ensino da patologia tornando-o mais dinâmico e próximo dos alunos. Constituiu-se em espaço de liberdade e formação de novos talentos muitos dos quais são hoje pesquisadores na Fiocruz.

Na tentativa de aproveitar as poucas oportunidades para pesquisa existentes na FCM abrimos as portas para a instalação do Laboratório de histocompatibilidade que permitiu o desenvolvimento de dissertações e teses na área de nefrologia e endocrinologia. Cabe destacar que este laboratório foi essencial para a implantação da rotina de transplante renal liderada pelo Dr. Frederico Ruzani e pode ser considerado embrião do que hoje ocupa na Policlínica Piquet Carneiro o Laboratório de Histocompatibilidade e criopreservação.

Por intermediação do Dr. Zilton Andrade em 1974 tive a oportunidade de realizar a minha primeira viagem internacional para estágio no Departamento de Patologia e Divisão de Doenças Hepáticas do Departamento de Medicina da Escola de Medicina *Mount Sinai* da Universidade da Cidade de Nova Iorque. Após uma segunda viagem em 1976, na qual aprendi técnicas de imunofluorescência para identificar auto-anticorpos, publiquei o meu primeiro artigo em revista internacional junto com Michael Gerber e Salvatore Vernace, *Immune complexes in hepatocytic nuclei of HBsAg-positive chronic hepatitis*. (N Engl J Med., 1976;294(17):922-5).

A experiência acumulada ao longo dos meus anos iniciais no exercício profissional e da docência me permitiram realizar concurso para Livre Docência da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com a tese intitulada Fibrose hepática em ratos após obstrução de colédoco, em 1971, obtendo o título que me concedeu durante numerosos anos a equiparação com o nível de Doutorado. Destarte tenho participado

como membro de bancas de defesas de dissertações e teses, assim como de concursos públicos para vagas de professores em várias universidades brasileiras.

Mesmo abraçando a especialidade em patologia que exerci com dedicação, a semente plantada durante a graduação me manteve interessada nas políticas públicas e na atenção aos pacientes. Tal vez isso tenha influenciado em minha decisão de aceitar a mudança radical por vir e abandonar o sonho de me tornar professora titular e continuar na construção do curso de patologia e formação de profissionais motivados na concepção em um currículo integrado para os estudos de medicina. Ainda hoje sinto saudades dessa época.

A minha entrada na Hanseníase eu poderia atribuir ao acaso: esta intrigante doença me escolheu. Embora tivesse colaborado em poucos artigos sobre a patologia da lepra, não me dediquei a essa doença. Entretanto, um dia recebi telefonema do Prof. Marcelo Barcinski, reconhecido imunologista da UFRJ, com quem participei dos primórdios da Sociedade Brasileira de Imunologia, para me consultar sobre receber no meu laboratório um grupo de pesquisadores da Universidade de Rockefeller, Nova Iorque. O renomado pesquisador e imunologista Zanvil Cohn e a sua equipe estavam interessados em pesquisar a imunologia da doença. Meu entusiasmo pela pesquisa me fez aceitar prontamente a proposta motivada pelo apoio do Professor de Dermatologia Jarbas Porto. Desta forma, um amplo grupo de pesquisadores, dentre eles um prêmio Nobel de medicina e fisiologia, aportou no Rio de Janeiro no outono de 1981 carregando umas seis malas repletas de reagentes e material de investigação indisponíveis no país, com o qual transformaram meu humilde laboratório em um "Centro de Pesquisa". Dessa primeira de muitas visitas anuais por seis anos que se seguiriam, produzimos dados originais que resultaram no primeiro artigo publicado com este grupo: "*The cutaneous infiltrates of leprosy: cellular characteristics and the predominant T-cell phenotypes*", na conceituada revista *New England Journal of Medicine* (1982;307(26):1593-7) e muitos outros posteriormente incluídos no meu currículo.

Em 1986, em meio à recuperação democrática que acontecia no país, mais uma vez o acaso me trouxe à Fiocruz. O Ministro da Saúde nomeara para Secretária de Vigilância Epidemiológica (SVS) Dra. Fabíola Nunes, e Dr. Sergio Arouca para Presidente da Fiocruz ambos reconhecidos sanitaristas. O Ministério da Saúde recebera advertência da Organização mundial da Saúde sobre a urgência em reorganizar o programa de controle da hanseníase. A Secretária de Vigilância

Sanitária indicara a dermatologista Dra. Maria Leide Wan del Rey de Oliveira como coordenadora nacional ocupando o cargo de Diretora do Departamento Nacional de Dermatologia Sanitária (DNDS) que ocuparia por oito anos. Esta e um grupo de epidemiologistas escreveram dois projetos de pesquisa que foram incluídos no primeiro financiamento da FINEP para a Fiocruz, o denominado FINEPÃO, que alocou financiamento para o Laboratório de Hanseníase com dois objetivos:

A – A introdução do novo tratamento poliquimioterápico por 24 meses, tratamento este desenvolvido por pesquisadores com apoio do TDR – Tropical Diseases Research, que era comprovadamente eficaz na cura da hanseníase. B - A avaliação da resistência à dapsona utilizando modelo experimental em camundongos.

A Dra. Maria Leide me conhecia através dos artigos publicados e meu currículo no CNPq. Esta consultou vários leprologistas do país, sobre meu nome para substituir a Diretora do Setor de Hanseníase da Fiocruz, Dra. Lygia Andrade em processo de aposentadoria. Após uma visita da Diretora do DNDS ao meu laboratório na UERJ, fui indicada pela mesma ao Dr. Sergio Arouca para assumir a chefia de Hanseníase com a incumbência de erguer a pesquisa e a assistência daquela doença resgatando o prestígio do Instituto de Leprologia desfeito durante a ditadura. Fui contatada diretamente pelo Dr. Sergio Arouca formalizando o convite. A princípio fiquei indecisa diante de tamanha responsabilidade numa área fora do meu domínio de atuação e no momento crucial da minha carreira acadêmica na UERJ, atividade que exercia com grande motivação. A minha indecisão se devia também ao fato de que um ano antes, em 1985 me submetera ao concurso para professor titular de patologia geral no Departamento de Patologia e laboratórios da Faculdade de Ciências Médicas pela UERJ com a tese intitulada: “Expressão dos antígenos virais no tecido hepático na infecção pelo vírus da hepatite B”, tema que me dedicara por muitos anos.

Um telefonema do amigo Reinaldo Guimarães, então diretor do FINEP foi decisivo para me fazer aceitar o desafio. Lembro que ao me apresentar ao então Vice-Presidente de Pesquisa, Dr. Carlos Morel fui recebida friamente pelo mesmo o que me instigou a abraçar o desafio de atender às expectativas dos que me indicaram. Assumi assim em 1986 a chefia daquele laboratório e sendo contratada em 1987. Em inúmeras ocasiões, entretanto, na minha trajetória tive de Carlos Morel, além da amizade, o apoio incondicional à missão a que me determinei.

A minha trajetória acadêmica, objeto deste título a ser julgado, está tão intimamente ligada à construção do Ambulatório Souza Araújo, como centro de excelência em

atenção ao paciente com hanseníase e aos laboratórios de pesquisa hoje existentes que se torna quase impossível para mim separar as histórias daqueles que lá estiveram em todos estes anos e a minha trajetória.

Para conduzir o projeto de poliquimioterapia, FINEP, contamos com a colaboração de Dra. Maria Eugenia Noviski Gallo, cujos dados constituíram a primeira tese de doutorado do programa de pós-graduação em medicina tropical, reportando o efeito do tratamento PQT na redução da carga bacilar sob minha orientação. Estes dados foram fundamentais para implantação do PQT no país, já que os leprologistas não aceitavam a concepção da cura por este tratamento.

A lista dos colaboradores na construção do ASA é enorme, mas teria que mencionar Dr. José Augusto da Costa Nery que contratado em 1987 compreendeu nossa proposta de fazer da assistência uma fonte permanente de interrogações unindo assim assistência e pesquisa. Para expandir a pesquisa foi fundamental as ainda iniciantes pesquisadoras Dra. Elizabeth Pereira Sampaio e Dra. Maria Cristina Vidal Pessolani com backgrounds diferentes expandiram as áreas de imunologia, bioquímica e microbiologia. Apesar de contribuírem desde os primeiros dias na organização dos laboratórios, decidi que seria indispensável para a formação de ambas um estágio no exterior. A nossa colaboração com a Fundação Rockefeller não se interrompera e Dra. Elizabeth foi aceita para ampliar por dois anos estudos em imunologia na hanseníase, tema em exploração por excelentes laboratórios do mundo, graças ao financiamento disponível pelo TDR naqueles anos. Esta colaboração se manteve por alguns anos, principalmente supervisionada por Dra. Gilla Kaplan e só veio a se interromper com a precoce morte de Dr. Zanvil Cohn. Durante seu estágio na Universidade Rockefeller, Dra. Elizabeth Pereira Sampaio publicou vários artigos envolvendo aspectos originais da imunologia da hanseníase que fez parte de sua tese de doutorado defendida no programa de imunologia da UFRJ sob minha orientação. Foi dessa colaboração que pudemos desvendar um dos mecanismos relacionados ao efeito benéfico da droga talidomida, ainda hoje largamente utilizada para o tratamento dos fenômenos reacionais da Hanseníase. Ainda a participação de citocinas principalmente o TNF-alfa no mecanismo de inflamação, associado as reações na Lepra foram descritos nesse período. Além dos artigos publicados, estes dados resultaram em duas patentes (Inventors' Share Agreement, Patent U.S.P.N. 5,385,901; Inventors' Share Agreement, Patent U.S.S.N. 09/229,218).

No seu retorno ao laboratório, esta introduziu a técnica de RT-PCR recentemente desenvolvida nos EUA para identificação da expressão gênica em amostras clínicas, abrindo assim um enorme campo de oportunidades para pesquisa.

Este método atraiu biólogos moleculares da UERJ, entre eles Dr. Milton Ozório Moraes, que desenvolveu e publicou vários artigos sobre a expressão gênica de pacientes em estados reacionais constituindo sua tese de doutorado pelo programa de Biologia Celular e Molecular do IOC em 2000 da qual tive a alegria de constar como sua orientadora. Com a aprovação deste, em concurso, em 2002, sedimentou-se a biologia molecular no nosso laboratório.

A Dra. Maria Cristina Vidal Pessolani foi aceita no laboratório do ilustre professor Patrick J Brennan onde estagiou por dois anos, porém manteve a colaboração até os dias atuais, sendo uma permanente fonte de estímulo e treinamento para alguns pós docs de nosso laboratório, além de numerosas teses e artigos envolvendo estes laboratórios na área de proteômica, metabolômica e outros temas atuais. Destacaria dentro de sua contribuição, a descrição da modulação do metabolismo lipídico da célula hospedeira induzida pela infecção tendo como consequência o favorecimento da sobrevivência intracelular do *M. leprae* via regulação negativa da resposta imune inata da célula hospedeira.

Não nos descuidamos da Biologia Molecular ainda nos seus primórdios dos anos 80 e com a colaboração inicial de Dr. Edson Rondinelli da UFRJ e posteriormente de Dr. Wim Degraeve conseguimos despertar o interesse de jovens pesquisadores do laboratório resultando nas primeiras teses de mestrado e doutorado neste campo em nosso laboratório do Dr. Adalberto Rezende Santos orientada por Dra. Leila de Mendonça Lima utilizando a técnica do PCR para identificar o DNA do *Mycobacterium leprae* em amostras clínicas em 1999. Muitos outros estudos seguiram com a colaboração de Dr. Philip Noel Suffys até o momento.

Em 2001 foi criado o Departamento de Micobacterioses reunindo aproximadamente 50 servidores e composto de três laboratórios. O Laboratório de Hanseníase foi mantido com a equipe assistencial e de laboratórios de pesquisa sob minha chefia, o Laboratório de Microbiologia Celular sob coordenação de Dra. Maria Cristina Vidal Pessolani e o Laboratório de Biologia Molecular aplicada a Micobactérias sob a coordenação de Dr. Philip Noel Suffys. A colaboração entre todos os pesquisadores, entretanto, se manteve até hoje, independentemente da liberdade orçamentária de cada um no organograma do IOC.

Concomitantemente a expansão dos laboratórios de pesquisa, não me descuidei da unidade assistencial, onde progressivamente despertei a transformação da atividade dos profissionais que foram progressivamente fazendo parte da equipe o interesse pela pesquisa. Destarte, temos utilizados os dados clínicos e epidemiológicos gerados na assistência para o desenvolvimento de dissertações e teses em várias áreas do saber, assim como suporte técnico ao Ministério da Saúde para ampliação do programa de vigilância de comunicantes e da vacinação de BCG. Ainda explorando o desconhecimento sobre os mecanismos da infecção subclínica em contatos, iniciamos recentemente financiado pela Faperj em 2012, o projeto que introduz a quimioprofilaxia com uma dose de rifampicina, além de vacinação BCG em contatos de pacientes multibacilares, avaliando não só o desfecho do adoecimento como o efeito destas intervenções na resposta imune do indivíduo.

Considero de extrema importância para nossa história e futuro do laboratório o banco de dados em Epi-info implantado por minha pós-doc Dra. Leila Maria Machado Vieira e aprimorado por Dr. Haroldo José de Matos na sua tese de doutorado. Atualmente foi transformado em sistema de gerenciamento de dados multiusuários, que agrupa todos os bancos desagregados iniciados nos idos anos 90. O Sistema de gerenciamento de dados, Sistema ASA, foi implementado com o objetivo de ter uma plataforma estratégica que integre, compartilhe e permita utilizar toda a informação capturada no repositório de dados clínicos, demográficos e epidemiológicos para fins da assistência e pesquisa de conformidade com a ética em pesquisa, administrado, atualmente por Dra. Mariana Vilas Boas Hacker, bioestatística do laboratório e Dra. Ximena Illarramendi Rojas, pesquisadora clínica.

Ainda na expansão da atenção ao paciente criamos o atendimento por um neurologista em 1996, inicialmente ocupado voluntariamente por um amigo ex-aluno médico do então IPEC, hoje INI, Dr. Michael Skarcel, precocemente falecido. Entretanto, sua residente na UERJ assumiu este serviço e depois já como concursada pela Fiocruz defendeu seu mestrado e doutorado pela UFF orientada por mim. Esta expandiu o serviço que hoje, além da atenção especializada, se constitui um centro de formação de neurologistas interessados em aprender aspectos totalmente ainda desconhecidos desta doença milenar em suas teses de mestrado e doutorado orientados por Dra. Marcia Maria Jardim Rodrigues.

Acredito que seria extremamente enfadonho descrever a história de todas as 83 dissertações e teses que orientei, gerando dados que com raras exceções estão

representados nos artigos publicados constantes de meu currículo. Saliento que além de uma equipe interdisciplinar, extremamente qualificada, engajada na aplicabilidade dos dados gerados, as colaborações internacionais que foram mantidas por mim e meus colaboradores foram fundamentais para a internacionalização de nosso laboratório, hoje conhecido por todos os centros que ainda se dedicam ao estudo desta doença no mundo. A nossa colaboração duradoura com a UCLA, iniciada em 2002 com Dr. Robert Lazarus Modlin tem gerado dados originais publicados nas mais conceituadas revistas científicas, assim como sendo um suporte no treinamento de pós docs originados de nosso laboratório. Entre os dados obtidos descrevemos o primeiro transcriptoma das formas polares da hanseníase, assim como o transcriptoma dos estados reacionais (Reação Reversa e Eritema Nodoso Leproso). Descrevemos o papel do Toll-like receptor 2 e 1, sua ativação e regulação nesta doença. Demonstramos as características e subtipos de macrófagos e sua programação antimicrobiana pela via da vitamina D, dados estes originais, além de muitos outros.

Apesar das enormes dificuldades que tive para transformar o laboratório nas condições em que se encontrava em um centro de pesquisa, não poderia omitir da minha trajetória as oportunidades que tive de receber financiamentos nacionais e internacionais, além do apoio institucional que foi em algumas ocasiões de extrema importância permitindo em 2014 a obtenção da Acreditação do ASA pela Joint Commission International. A indicação do Laboratório de Hanseníase como Centro de Referência pela Coordenação Nacional de Hanseníase do Ministério da Saúde permitiu o laboratório receber verba complementar durante algumas gestões daquele órgão, colaborando fortemente na manutenção de uma equipe de auxiliares na assistência, assim como, na obtenção de equipamentos de grande porte. Salientaria, entretanto, o apoio do TDR ao projeto que submetemos nos fins da década de oitenta no qual demonstramos a produção de interferon gama em cultura de PBMC de contatos estimulados pelo *M. leprae* em um estudo de acompanhamento mostrando pela primeira vez o papel desta citocina na evolução da infecção pelo ML. Este projeto, eu diria, foi uma porta aberta para a nossa internacionalização junto aos pesquisadores de todos os países financiados pelo TDR, justificando em início dos anos 90 a reunião dos “Steering Committee” do TDR para hanseníase, inclusive o seu diretor geral Dr. Tore Godal na Fiocruz. Esta trouxe para esta instituição mais de 30 pesquisadores que foram recebidos por mim e pelo Vice-Presidente, Dr. Carlos Morel

em reunião científica onde todos os participantes inclusive eu, apresentamos os resultados até então obtidos nos projetos. O nosso primeiro projeto de pesquisa além de obter o financiamento por quase seis anos, nos deu credibilidade naquele órgão que aprovou o nosso segundo projeto em meados anos 90 investigando o papel do Tumor Necrosis Factor na imunopatologia dos estados reacionais com colaboração de Dr. George Grau da Universidade de Genebra. Esses dois projetos, eu diria, têm sido as linhas mestres dos numerosos projetos aplicados nestes 30 anos por nós junto às agências de fomento do país, CNPq e FAPERJ, de onde temos obtido permanente apoio, não só a mim, como aos outros pesquisadores da equipe. Além disso, os nossos projetos em contatos e a introdução da PQT com 12 doses em 1998, permitiram o acompanhamento de uma coorte de contatos e de pacientes que já inclui mais de 9.000 contatos e 4.000 pacientes, gerando dados não só epidemiológicos e operacionais, como dados relacionados a imunologia, bioquímica e biologia molecular criando um clima de pesquisa translacional e um grande número de teses e artigos científicos. Destacaria os dados relacionados à incidência e os fatores de risco e adoecimento entre os contatos familiares e extradomiciliares, o papel protetor do BCG, a identificação de biomarcadores no adoecimento, o papel do PCR na confirmação da infecção subclínica nos contatos, a eficácia das 12 doses na cura de pacientes MB (dado este advindo da mais antiga coorte de pacientes MB tratados com 12 doses no mundo). A evolução das lesões neurológicas após o tratamento PQT, a fundamentação neurofisiológica e os métodos laboratoriais inclusive o PCR no diagnóstico da forma neural pura, contribuições à imunopatogênese tanto das formas polares quanto dos reacionais forma alguns dos dados originais obtidos através de 53 dissertações e 30 teses concluídas que orientei e colaborei e dos 351 artigos publicados.

Em meio a esta trajetória como chefe do Laboratório de Hanseníase que exerci até 2015, tive a oportunidade de ocupar a chefia do Departamento de Medicina Tropical, substituindo o Professor José Rodrigues Coura que assumiu a direção do IOC em 1997 e, posteriormente, a Vice-Presidência de Pesquisa e Desenvolvimento Científico durante o período de 2001 a 2005 no primeiro mandato de Dr. Paulo Buss como presidente da Fiocruz, convidada pelo então Vice-Presidente Paulo Gadelha. Neste cargo tive a oportunidade de aprender sobre a complexidade da gestão desta instituição e seguindo a orientação da Presidência coordenei o PDTIS, programa destinado a alavancar a pesquisa comprometida com a inovação e desenvolvimento

tecnológico. Entendo que o PDTIS representou um marco na história da pesquisa em todas as unidades da Fiocruz fortalecendo o papel desta instituição no sistema de saúde do país.

Como compromissos extra institucionais fui membro do TAG (Task Advisory Group) da OMS de 1997 a 2000 na área de hanseníase contribuindo nas recomendações internacionais para o controle da doença.

Fui membro do Comitê Técnico Assessor da Coordenação Nacional de Hanseníase (SVS-MS) desde sua criação na década de 80, onde acompanhei por 30 anos a imensa dificuldade de se criar e manter um sistema universal de qualidade na atenção ao paciente com esta doença.

Esta experiência, considero fundamental para a minha gestão da nossa unidade Assistencial (ASA). Durante este período tive a alegria de ser homenageada pelo Mohan e pela Coordenação Nacional de Hanseníase, ambas muito me honraram.

Fui membro do Comitê Assessor de Medicina do CNPq durante 3 anos, quando pude acompanhar a intensa atividade de pesquisa que se desenvolve no país na área médica. Sou bolsista nível 1 do CNPq desde 2003 e permaneço como pesquisadora atualmente no nível 1A, o que me mantém comprometida com a atividade de pesquisa em três programas de pós-graduação do IOC.

Foram tantas as pessoas e tantos fatos que determinaram direta ou indiretamente a minha trajetória que me é impossível incluir tudo neste memorial. Orgulho-me a dizer que dos 14 doutores que hoje trabalham no Laboratório de Hanseníase, 9 desenvolveram suas teses utilizando os dados gerados no próprio laboratório, 7 deles sob minha orientação.

Embora hoje a equipe de tecnologistas e pesquisadores do Laboratório de Hanseníase esteja altamente qualificada, com doutores nas áreas de epidemiologia, neurologia, estatística, pesquisa clínica, imunologia, patologia, dermatologia, biologia celular e biologia molecular sob a chefia de Dr. Milton Ozório Moraes desde 2015, ainda encontro espaço para contribuir com minha experiência os meus orientandos e dos colegas, alunos de mestrado, doutorado, pós docs e disposição para formular novos projetos em campos desconhecidos desta intrigante e negligenciada doença.

V – TÍTULOS DA CARREIRA UNIVERSITÁRIA:

Atividades docentes.

- UERJ - Professora Substituta de Patologia – UERJ (1971 a 1973)
- UERJ - Professora Titular de Patologia – UERJ (1973 a 1995)
- FIOCRUZ - Orientadora de 53 dissertações de mestrado e 30 teses de doutorado

Atividades de administração.

- Chefia do Departamento de Patologia e Laboratórios – UERJ (1979 a 1981)
- Chefia do Laboratório de Hanseníase – 1ª fase (1986 a 1997)
- Chefia do Departamento de Medicina Tropical – (1997 a 2001)
- Vice-Presidência de Pesquisa e Desenvolvimento Tecnológico (2001 a 2005)
- Chefia do Laboratório de Hanseníase – 2ª fase (2005 a 2015)

Produção científica, literária e artística.

- Publicação de 351 artigos desde 1971

Aprovação em concursos.

- Livre Docência – UFRJ – 1971
- Professor Titular de Patologia – UERJ – 1985

Experiências profissionais:

- Atuação como médica patologista

Projetos financiados

Nacionais

- FINEP – 2
- CNPq - 7
- FAPERJ – 8
- CAPES – 1
- DECIT – 3
- FNS – 4

Internacionais

- Tropical Diseases Research (TDR) – 2
- Netherland Leprosy Relief (NLR) – 1
- Fundação Sasakawa

Prêmios e Dignidades

- Prêmio de Incentivo em Ciência e Tecnologia para o SUS 2015, Ministério da Saúde.
- Sociedade Brasileira de Patologia – 50 de atuação, 2015.
- I Comemoração do Dia Internacional da Mulher – Comitê Pró Equidade de Gênero e Raça da Fiocruz (Presidência), 2014
- Conselho Nacional de Mulheres do Brasil, 2008.
- Prêmio Scopus 2008, Elsevier, CAPES,
- Medalha comemorativa - Centenário da OPAS, valiosa contribuição no combate à hanseníase, 2002
- Organização Pan-Americana da Saúde e da Organização Mundial da Saúde no Brasil, 1996.
- Serviços Prestados por 25 anos, UERJ, 1996.
- MORHAN, Medalha pela contribuição ao combate à Hanseníase, 1993.

